

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A PROPÓSITO DAS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DO SUL DA PENÍNSULA IBÉRICA.**

ARNAL, Jean; GROS, André-Charles

Ano: 1962 | Número: 72

---

### **Como citar este documento:**

ARNAL, Jean; GROS, André-Charles, A Propósito das placas de xisto gravadas do Sul da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*, 72 (3-4) Jun.-Dez. 1962, p. 301-318.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# A propósito das placas de xisto gravadas do Sul da Península Ibérica

Por JEAN ARNAL e  
ANDRÉ-CHARLES GROS

---

Em 1950, G. Zbyszewski teve a amabilidade de publicar em França a placa de xisto gravada da Quinta da Farinheira (Chelas, Portugal) (1). Sem dúvida que as placas de xisto já eram conhecidas em França, mas esta bela peça chamou particularmente a atenção para as civilizações pré-históricas portuguesas. Um de nós (J. A.) ficou surpreendido com a atribuição à Idade do Bronze das placas em geral e muito especialmente desta da Farinheira (fig. 1) (2).

Não desconhecemos as dificuldades de encontrar equivalências dentro da mesma época, devido às grandes distâncias que as separam. Por outro lado, o que é Neolítico em França poderá evidentemente pertencer em Portugal à Idade do Bronze. Não desejamos portanto deter-nos nestas questões de enquadramento, que variam conforme a latitude. É provável, todavia, que esta designação de «Bronze» corresponda, no caso presente, ao Bronze I adoptado pelos pré-historiadores espanhóis no Congresso de Madrid de 1954, que retomaram a terminologia de Déchelette. Pelo contrário, o Calcolítico em França, e o Eneolítico em Itália mantiveram o seu crédito. A diferença será portanto mínima.

Entretanto o desenvolvimento das análises do C. 14 começa a decuplicar o interesse das estatigrafias e não

---

(1) *Bulletin de la Soc. Préhist. Franç.* Paris, 1950, p. 397.

(2) *Idem, ibidem*, p. 513.

estaremos longe de poder adoptar uma cronologia absoluta, que nos liberte dos nossos velhos quadros obsoletos.

Já desde 1946, antes dos resultados obtidos pelo rádio-carbono, que as publicações de Bernabó Brea sobre Arene Candide nos deixavam entrever um magnífico Neolítico, mas abandonado por todos, tanto a sua

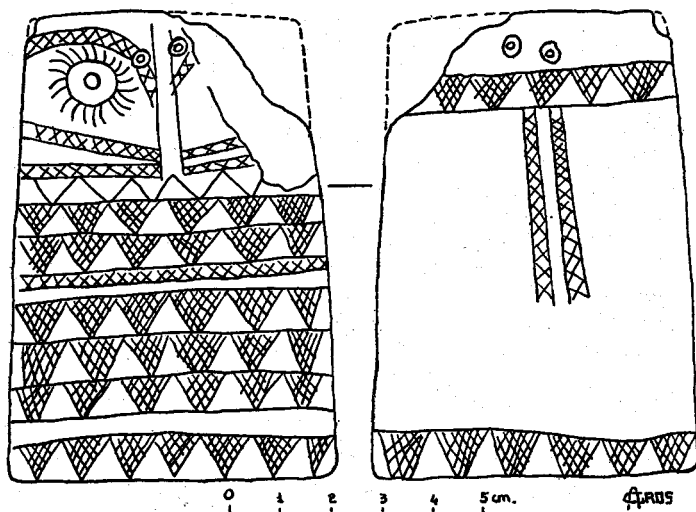


Fig. 1—Placa de ardósia, da Quinta da Farinheira (Chelas, Portugal).

(Segundo G. Zbyszewski)

investigação parecia difícil. Com razão, E. Octobon não acreditava nele e queria baixar o seu Mesolítico até ao Calcolítico. Mas, depois de Arene Candide, descobriam-se Roucadour (Thémine, Lot) e Fontbregoua (Salernes, Var), a confirmarem inteiramente as descobertas italianas, apesar das variações que reflectiam civilizações locais.

Sabíamos então com segurança que o Neolítico antigo era caracterizado pelos fabricantes de cerâmica ornamentada a *cardium* (ou Montserratense). Aparecia em seguida uma bela cerâmica lisa, de fundo esférico, deco-

rada com gravuras praticadas após a cozedura, para a qual propuzemos o nome de Chassêense-A, que demos à decorada em épocas mais antigas, e de Chassêense-B, à mais recente, raras vezes decorada, mas na qual as «flautas de Pan» e os cordões multifurados tiveram uma voga particularmente brilhante.

O Chassêense-A corresponde *grosso-modo* ao Materiense (P. Lavioza-Zambotti) da Itália, com o qual partilha das decorações gravadas e das formas especiais. Contudo, na Itália do Norte, a presença de vasos de boca quadrada obscurece um pouco o paralelismo das civilizações de um e outro lado dos Alpes. O Lagozziense de Pia Lavioza-Zambotti corresponde ao Chassêense-B.

Tanto o Chassêense como Matera-Lagozza fabricam a «cerâmica de fundo esférico» do ocidente europeu do Neolítico, descoberto por Schuchhardt.

No Neolítico recente (ou no Calcolítico, visto que este último, mais precoce, se sobrepôs ao primeiro) a grande unidade neolítica desloca-se para dar origem a toda uma série de fácies particulares próprias de cada região natural.

Ficamos desde logo impressionados, por um lado com a semelhança das decorações do Chassêense francês e do Materiense italiano, e por outro com a ornamentação das placas de xisto ardosífero. Notámos aqui uma dissociação entre a decoração e o material. As combinações dos interessantes desenhos geométricos repetem-se inteiramente, ora na cerâmica, ora na pedra, conforme nos encontramos aquém ou além dos Pirenéus (1).

Basta apontar uma só lista para reconhecermos logo os mesmos temas:

O triângulo vazio, ou preenchido por quadriculado ou por tracejado, que desempenha um papel importante. Estes triângulos aparecem alinhados, opostos, agrupados em várias filas, ou em xadrez com linhas intercaladas, mas sempre em grande número e perfeitamente

---

(1) J. Arnal, R. Riquet e G. Bailloud, «Les styles céramiques du Néolithique français». Número especial da revista *Préhistoire*, XIV, Paris, 1959.

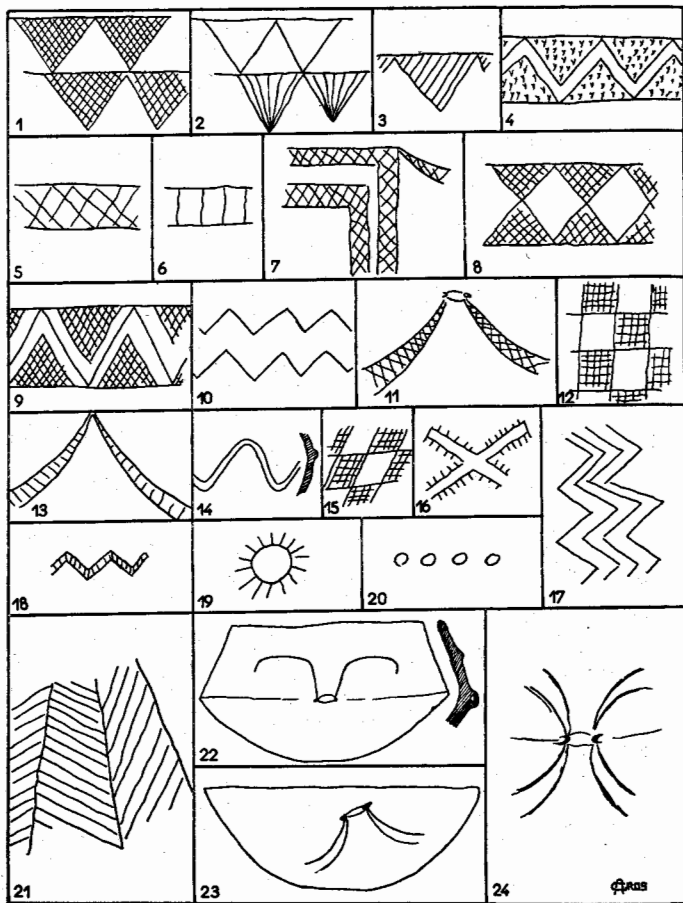


Fig. 2 — Temas decorativos do Chassêense-A francês e das placas de xisto portuguesas.

N.º 22: Tigela carenada, típica do Chásseo-lagoziense, com decoração « em bigode » (Gruta de Montou, Corbère les-Cabanes, Pirenéus Orientais). Inédita.

N.º 23: Tigela de fundo esférico, típica do Chásseo-lagoziense, com decoração « em bigode » (Gruta Seyne, Seyne, Gard).

As outras decorações encontram-se por toda a França.

definidos. É, pode dizer-se, a base da decoração chásseo-materiense, (fig. 2, n.ºs 1 a 3, 8 e 9).

O rectângulo ou quadrado preenchido com quadriculado, disposto ou não em xadrez, desempenha um papel menos importante, mas nem por isso para desprezar. As fileiras lisas ou preenchidas com «X» dispostos em faixas são muito frequentes (fig. 2, n.ºs 5, 6, 12 e 15).

Um motivo característico da Provença compõe-se de dois traços paralelos bordados de um e outro lado com traços perpendiculares. Em volta de um círculo podem irradiar traços (olhos ou sol, conforme este tema se apresenta em duplicado ou singelo) (fig. 2, n.º 19).

Muito mais raras são as espinhas de peixe, associadas ou não a pequenos círculos alinhados ou dispostos ao acaso (fig. 2, n.º 21). O pequeno círculo não parece ter sido muito abundante no Chassêense, e não se encontra fora da Provença e da Itália do Norte (Lagozza di Benaste). Em todo o caso, não aparece nas placas de xisto (fig. 2, n.º 20). Encontramos também ziguezagues horizontais e verticais (fig. 2, n.ºs 10 e 17).

Por outro lado, todos estes elementos podem aparecer conjugados, para se obterem representações antropomórficas, o que se verifica particularmente na Península Ibérica. A este ponto voltaremos a referir-nos.

Desde 1950, que notámos assim existir um fenómeno de dissociação entre a decoração e o material a decorar. Este fenómeno é muito corrente na Pré-história francesa, especialmente no Neolítico médio-recente.

Visto que nove décimos dos temas decorativos se repetem dos dois lados dos Pirenéus, não é possível tratar-se de um fenómeno de convergência. Também por muito frágeis que sejam as aproximações baseadas na morfologia, desde 1950 que nós consideramos as placas de xisto decoradas contemporâneas dos chassêenses franceses (Neolítico médio francês) e, após o aparecimento das análises de rádio-carbono, datadas do período que decorre de 3500 a 2500.

Um outro argumento é a sua presença nos dólmenes de corredor portugueses e do Sul da Espanha. Este argumento é negativo, porquanto os dólmenes foram utilizados como sepulturas humanas durante

longos períodos. São sepulturas colectivas difíceis de datar, pelo facto de os últimos inumados oferecerem datas tardias. Na maioria dos casos, sem dúvida em seguida a mudanças de civilizações motivadas por guerras ou revoluções, as inumações mais antigas foram retiradas e a data da construção dos dólmenes ficou perdida para nós. Mas, apesar destas numerosas violações, encontram-se, de tempos a tempos, alguns dólmenes que conservaram um mobiliário primitivo, sem terem sido reutilizados, ou que apresentam uma estratigrafia autêntica. De cerca dos 5.000 dólmenes franceses, só uma dezena deu uma estratigrafia respeitada pelos exploradores. Citaremos entre as escavações antigas: o dólmen de Conguel, St. Pierre de Quiberon (Morbihan) e a galeria coberta de Boun Marcou, Mailhac (Aude) (1). Mais recentemente explorados e ainda inéditos, poderemos citar o dólmen de corredor de la Matte (N. D. de Londres, Héault), o de Gros-Pierre (Ardèche), o da Route-Vieille (Noailles, Corrèze) e os 11 famosos dólmenes de corredor de Barnenez cobertos por um mesmo túmulo (Plouezoc'h Finistère) (2).

Todas estas câmaras megalíticas mostram ter sido construídas antes da introdução do metal em geral, e dos vasos campaniformes em particular. Nos níveis profundos, encontram-se o Chasséense puro com cerâmica típica, e também contas de calaite e sílex com retoques monofaciais. Nos níveis superiores aparece toda a espécie de civilizações, entre as quais as pirenaicas com suas belas taças zonadas, os «vasos de flores» da civilização S. O. M., ou diferentes vestígios locais das Idades do Cobre ou do Bronze médio, estas últimas representando as derradeiras inumações normais, antes das primeiras violações mais ou menos acompanhadas de destruições.

De harmonia com estas estratigrafias, a tholos de Folha da Amendoeira (Odivelas, Alentejo, Portugal) (3)

---

(1) A. Martin-Granel, «L'allée convertie de Boun Marcou», Rev. *Gallia*, Paris, 1959, p. 39.

(2) *Gallia-Préhistoire*. Paris, 1960, p. 160.

(3) *Zephyrus*, Salamanca, 1953, p. 241.

parece que estava absolutamente pura de toda a intrusão posterior ao grupo cultural que a edificou. Efectivamente encontraram-se aí:

1) Numerosos machados polidos, de pedras duras, de um tipo especial, que supomos ser antigo.

2) Numerosas lâminas de sílex, de secção trapezoidal ou triangular.

3) 6 vasos inteiros, de pasta relativamente grosseira, sem decoração, mas de fundo esférico. Um deles é carenado; outro, provido de uma pega, tem o seu sósia em França na gruta ossuária de La Monna, que deu um vaso chassêense. Uma «tigela redonda» deixou um fragmento, junto a outros.

4) Objectos de adorno, entre os quais dentes perfurados, um alfinete de osso com cabeça canelada e diversas conchas furadas.

5) 14 placas de xisto ardoso com as mais típicas decorações chassêenses: triângulos e quadrados cheios de quadriculado, triângulos alternados separados por um traço em ziguezague, faixas e ziguezagues cheios de quadriculado. Duas ou três placas têm desenhos enigmáticos, meio apagados. Quase todas têm a decoração disposta de modo a evocar uma figura antropomórfica, todavia sem a representação da face.

O conjunto deste mobiliário é tipicamente neolítico post-cardial; nada aí falta, os sílex laminares em bruto ou com retoques monofaciais, a abundância de machados polidos, a pureza da cerâmica com fundo esférico cuja «tigela redonda» é o protótipo do Chassêense francês. Nada falta, até mesmo os critérios negativos, confirmados pela ausência de tudo o que caracteriza o Calcolítico: vasos campaniformes, contas obtidas por meios mecânicos, cobre, flechas com farpas esquadriadas, botões furados em V. E mesmo que estes objectos aí fossem encontrados, constituiriam apenas uma prova de ter havido mescla, e não teríamos razão para rejuvenescer a idade da construção do dólmen.

Pelo C. 14, foi possível determinar as idades de dois dólmenes bretões respectivamente 3400 e 3100

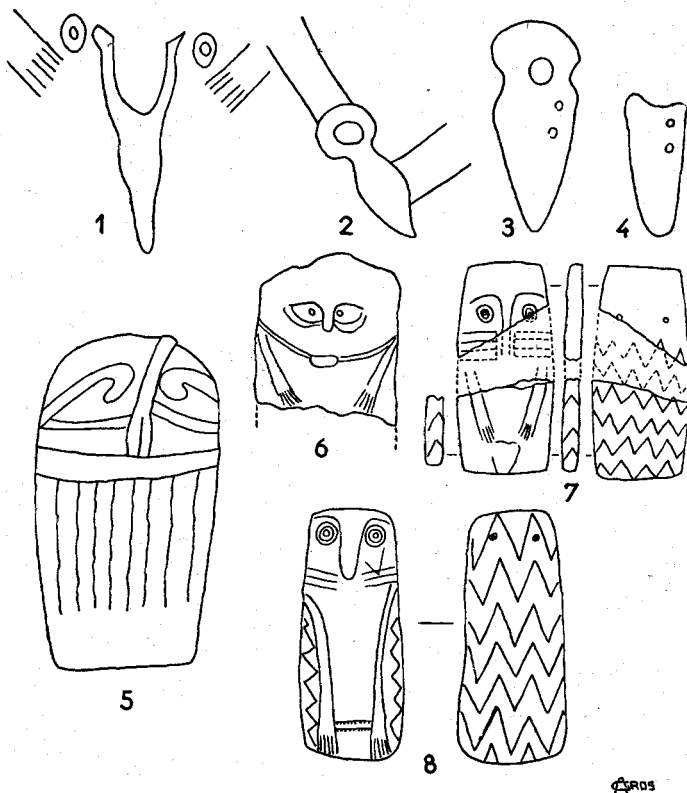


Fig. 3—Pontos de contacto entre as estátuas menhires languedocienses e as placas de xisto ardósifero portuguesas.

N.º 1: «Objecto» vertical. Estátua de Mas Capelier (Calmels e Viala, Aveyron). N.º 2: «Objecto» oblíquo da estátua de Crouxigues (Brassac, Tarn). N.º 3: «Objecto» real de lenhite (Dólmen de Seveyrac, Bazouls, Aveyron). N.º 4: «Objecto» real de lenhite (Dólmen 3 de Vezignies, Salles la Source, Aveyron). N.º 5: Dorso da estátua de Pousthomy I (Pousthomy, Aveyron). N.º 6: Estátua de St.-Théodorit (St. Théodorit, Gard). N.º 7: Placa de xisto ardósífero, com tatuagem facial e «objecto» nos lados, e nas costas pregas do manto (Dólmen de Vega del Guadancil I, Cáceres, Espanha). N.º 8: Placa de xisto ardósífero do dólmen de Barbacena (Elvas, Portugal).

N.ºs 1, 2, 5 e 6, segundo Octobon. N.ºs 3 e 4, segundo L. Balsan. N.ºs 7 e 8, segundo G. e V. Leisner).

anos (1), os quais continham um mobiliário chassêense ou parachassêense. Mas, muito antes das análises de rádio-carbono, já nós tínhamos chegado à conclusão de que a tholos de Folha da Amendoeira apresentava um mobiliário neolítico puro, e por isso mesmo a citamos aqui.

Desejamos também fazer referência, graças às magníficas publicações da G. e V. Leisner, ao dólmen de corredor do Olival da Pega I (Prov. do Alentejo, Distr. de Évora, Reguengos de Monsarás) (2) que, sem ter a pureza do mobiliário de Folha da Amendoeira, possui todavia belas peças que entre nós seriam classificadas no Chassêense. São as tigelas redondas (Leisner, est. 40, n.ºs 12 e 13), tigelas carenadas (est. 40-1, n.ºs 27 a 29), uma colher com cabo curto (est. 40-1, n.º 9), uma tampa (est. 40-1, n.º 8), várias belas placas de xisto, semelhantes às da tholos de Folha já citada, como também dois báculos de xisto gravados com belos desenhos e um terceiro liso (est. 40-1, n.º 47).

Outros parentescos morfológicos com o Chassêense podem ser encontrados na Península Ibérica. Lembremo-nos das «tigelas» carenadas ornamentadas com dois arcos em relevo (os «bigodes» segundo expressão dos pré-historiadores franceses) (fig. 2, n.º 22, 23 e 24). G. e V. Leisner ilustraram alguns exemplos: um, do dólmen de corredor de Casa Branca (Anta Grande, Évora) (est. 20-2, n.º 16); outro, também de um dólmen de corredor, o da Anta Grande da Comenda da Igreja (Évora) (est. 26-1, n.º 36), associado a duas tampastipo chassêense (est. 26-1, n.ºs 39 e 48). Esta decoração não deve ser muito rara porque aparece ainda no dólmen de corredor de Caeira 7 (Évora) (est. 30-8, n.º 14), num mobiliário neolítico isento de qualquer mistura, caracterizado por lâminas de sílex de secção trapezoidal, e uma bela decoração gravada sobre placas retangulares e em forma de báculo (est. 30-8, n.º 8, 11 ...).

Temos aí todo um conjunto de aspecto chassêense com sílex típicos, mas cujos vasos são desprovidos de

---

(1) Não falamos das últimas análises, ainda inéditas, que vêm confirmar as primeiras datas obtidas.

(2) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen.* Volume 1-2, Est. 40.

qualquer decoração. Essa decoração encontra-se por sua vez nas placas de xisto. Em nossa opinião, trata-se de uma coisa muito importante, posta em evidência desde 1950 e sobre a qual insistiremos.

Antes disso voltaremos novamente aos báculos, que especialmente nos interessam porque estão representados em estátuas menhires do Sul da França e não duvidamos de que, nos dois casos, eles representam objectos rituais ou religiosos de grande importância.

Isto servir-nos-á de transição para voltarmos uma vez mais a esta semelhança entre algumas placas de xisto e as nossas estátuas menhires mediterrâneas (Languedoc francês). Certas placas, como as da Farinheira têm «cabeças de coruja» absolutamente semelhantes às das estátuas menhires, com os olhos no interior de um T que une o nariz às sobrancelhas, a ausência de boca, e essa tatuagem facial cortada pelo nariz (fig. 3, n.º 6). As costas, com «suspensórios», têm o seu equivalente em Aveyron (fig. 3, n.º 5).

Do dólmen de Vega del Gadancil, para citarmos ainda os esposos Leisner (est. 55-1, n.º 1), destacaremos a placa de xisto antropomórfico. Basta analisar esta placa (fig. 3, n.º 8) caracterizada por uma cabeça de coruja, com «tatuagens» faciais, e com braços cujas mãos seguram um objecto enigmático. As costas e os lados apresentam traços de um manto ou vestido esquematizado por meio de ziguezagues, ainda com muito de neolítico.

Comparemo-la com as estátuas de Castelnau-Valence e Euzet-les-Bains (Gard, França) (fig. 4) onde encontramos os mesmos elementos, e esse «objecto» enigmático que não sabemos com que relacionar, a não ser com certas peças de osso e de lenhite que encontramos nos dólmens aveyronenses. Este «objecto» caracteriza as estátuas masculinas (fig. 3, n.ºs 1 a 4). É de notar, por outro lado, que a estátua masculina de Castelnau-Valence, caracterizada por esse «objecto», foi feminilizada numa época posterior pelo acréscimo de um báculo (fig. 4, n.º 1) (1).

(1) As estátuas menhires do Sul da França estão situadas em duas regiões, uma na margem esquerda do Ródano, na Provença, da qual não falaremos, e outra, subdividida em dois sub-



1



2

Fig. 4 — Estátuas menhires recentemente descobertas no Languedoc.

N.º 1: Estátua de Rosseironne (Castelnau-Valence, Gard), com «objecto» vertical, fivela de cinto, manto e báculo esculpido posteriormente.

N.º 2: Estátua de Colombier, pouco depois da sua descoberta no campo onde jazia (Euzet-les-Bains, Gard), «objecto», manto...

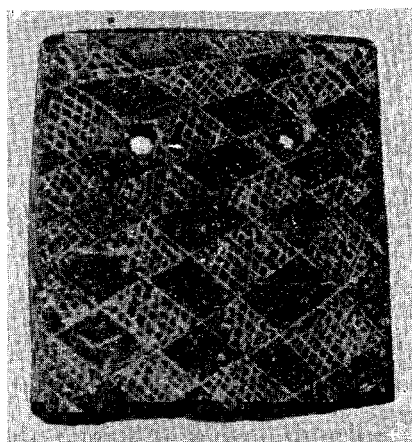


Fig. 10 — *Extremidade da pega de um vaso chasséense. Gruta de La Madeleine (Villeneuve les Maguelonne, Hérault).*

Cronològicamente há grande dificuldade em datar estas estátuas menhires. As mais antigas não parecem remontar além do Calcolítico, mas nada apresentam do que caracteriza esta época, isto é— em vão aí procuramos punhais ou flechas com asas e pedúnculo e, por maioria de razão, espadas, como nas estátuas menhires da Córsega ou da Itália.

Não insistiremos mais neste assunto já tratado com maior extensão noutro lugar, que em breve aparecerá (1).

Se os quadros cronològicos se confirmam, veremos fàcilmente os antepassados das nossas estátuas-menhires nas placas de xisto gravadas do Sul da Península Ibérica.

Contestar-nos-ão que é grande a distância do Sul hispano-português ao Sul da França. Evidentemente que é, posto que as ligações por mar sejam fáceis, sem deixarem vestígios. E é tanto menos duvidosa esta afirmação, quanto é certo existirem em França placas de xisto ardosífero. Poucas, é certo, mas contudo bem típicas.

Publicamos uma delas, de xisto vulgar, ornada de gravuras que podem ser antropomórficas (a não ser que não se trate de um «objecto»), proveniente de uma estação de superfície, de Aude, que deu uma mescla de chassêense e pirenaico (2). A nenhuma escavação se procedeu, em seguida à recolha feita à superfície, e nenhuma data firme pôde ser estabelecida. De qualquer

---

grupos, na margem direita do Ródano (fig. 9). Encontram-se nestes dois grupos estátuas masculinas e femininas, bem como estátuas assexuadas. Não aludiremos às últimas.

As estátuas masculinas reconhecem-se porque trazem cruzado no peito um «objecto» enigmático, no qual se quiz ver, ora uma bolsa pênica, ora um punhal (fig. 4, n.º 2). Na realidade, perfilhamos a opinião de L. Balsan, de que este «objecto» é uma insígnia usada pelos chefes ou pelos sacerdotes. Objectos avulsos desta natureza foram encontrados nos dólmenes próximos das estátuas menhires (fig. 3, n.ºs 1 a 4).

As estátuas femininas têm seios e estão por vezes munidas de báculo (fig. 4, n.º 1).

(1) J. Arnal e C. Hugues, «Les statues-menhirs du Languedoc-Rouergue», a aparecer na revista *Archivo Levantino*., 1962.

(2) H. Tallavigne e J. Arnal, *Revue d'Etudes Ligures*, 1950, pág. 3.

modo, o facto de essa placa não ser de xisto ardosífero obriga-nos a eliminá-la deste nosso trabalho (fig. 5).

Stuart Piggott, no seu estudo do Neolítico francês (1) representou a placa de xisto proveniente do dólmen de Rascassol (St.-Hyppolite-du-Fort), acompanhada de vá-

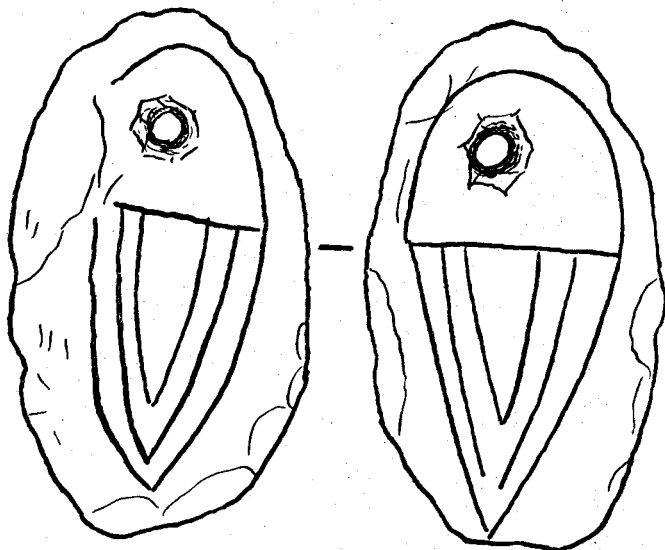


Fig. 5 — Placa de xisto não ardosífero. Decoração enigmática, possivelmente representando o «objecto» (Chateau de Polignan, Trausse, Aude).

(Esc. 1/1)

rios pendentes de xisto ardosífero e de um mobiliário situado entre o Neolítico e o Bronze médio. É difícil formular uma opinião acerca desta peça.

Um objecto muito interessante acaba de ser descoberto por J. Courtin (2), na gruta de L'Eglise (Baudinard, Var) (fig. n.º 6 e mapa fig. n.º 9). É uma espécie de sinete (*pintadeira*) com o dorso arredondado e do lado oposto

(1) *L'Anthropologie*. Paris, tomo 57, 1953, p. 401 e tomo 58, pág. 1.

(2) *Gallia-Préhistoire*, 1959.

denteado. A peça, que é de calcáreo, está fendida no sentido da espessura. A sua decoração compõe-se de uma espinha de peixe sobre a face conservada e de alguns grafitos aos lados.

A gruta deu uma sobreposição muito interessante de um Chassêense antigo coberto primeiramente por ves-

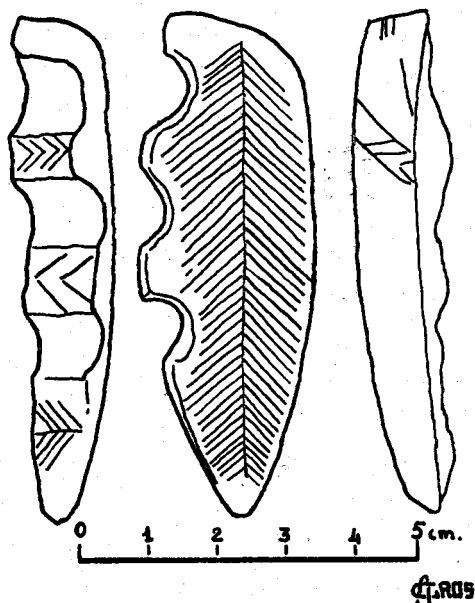


Fig. 6 — Sinete de calcário da Gruta de l'Eglise (Baudinard, Var), encontrado em estratigrafia, num meio chassêense-B.

(Segundo J. Courtin)

tígios da civilização cardial, depois por um Chassêense-B com «flautas de Pan». Foi neste último nível que se descobriu o sinete. A competência de pesquisador de J. Courtin constitui um sólido argumento para a atribuição deste objecto ao Chassêense recente, que situaremos por volta de 2500, na cronologia do rádio-carbono. Não queríamos portanto passar em silêncio,

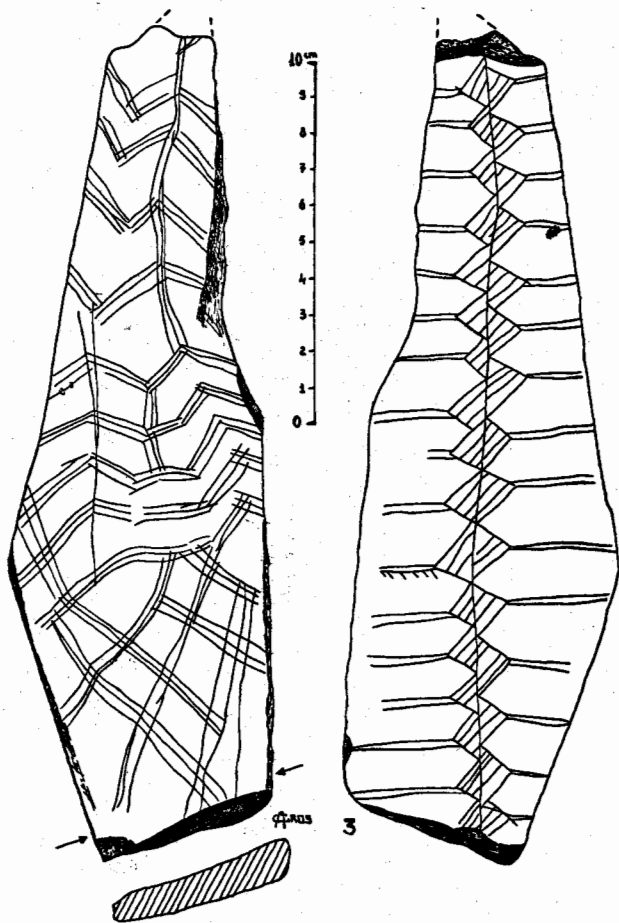


Fig. 7 — Placa de xisto ardósifero encontrada nas margens do Loire, perto de Digoin (Saône-et-Loire).

um peça tão importante como esta, embora ela esteja fora do quadro rígido das placas de xisto ardosífero.

São, porém especialmente três achados recentes e inéditos que desejamos citar.

O primeiro é uma placa de xisto ardosífero, com 23 cm. de comprimento, por 7 cm. de largura máxima. A sua forma é irregular, mas a sua decoração, finamente gravada, é tipicamente chassêense numa das faces (fig. 7). Com efeito, os triângulos com tracejado situados de um e outro lado de uma linha central não podem deixar dúvidas a este respeito. Esta placa, primitivamente descoberta nas margens do Loire, foi redescoberta por um de nós (A-Ch. G.) nas reservas do Museu de Châlons-sur-Saône (1).

O segundo é um minúsculo fragmento de xisto ardosífero, separado em tempos de uma placa. É decorado com traços paralelos entrecruzados. Estes fragmentos provêm de uma jazida mista, que sofreu influências chassêenses muito nítidas: flechas cortantes chassêenses, um furador típico, cerâmica com mamilos com muitos furos, etc. Esta jazida está situada em Ouroux-sur-Saône, em estratigrafia mesmo na própria margem da ribeira (fig. 8, n.º 1).

A terceira placa, embora fragmentada conservou uma superfície suficientemente grande para se poder distinguir a sua decoração feita de traços paralelos finamente gravados cruzando-se em ângulo recto.

De um lado, parecem pautas de música cortadas por linhas mais distanciadas, em ângulo recto. O reverso da peça tem um ornamento quadriculado em xadrez, tratado de um modo muito rude (fig. 8, n.º 2).

O equipamento associado proveniente de simples recolha, compõe-se essencialmente de utensílios e de recipientes chassêenses: raspadores, furadores e flechas cortantes obtidos de lâminas de sílex retocadas, cerâmica de formato e decoração típicas do Chassêense-A. Não existem intrusões de outras épocas porque a jazida estava incólume, não obstante a sua grande riqueza.

---

(1) Pôde ser desenhado graças à amabilidade do ilustre Conservador do Museu, Sr. L. Armand-Caillat, a quem muito agradecemos.

Este conjunto homogéneo situa-se no Neolítico médio francês, quer dizer, entre 3500 e 2500, em plena época de construção dos dólmenes de corredor.

Temos ali um elo de grande importância, que confirma inteiramente o que tínhamos pressentido desde 1950 e que desejávamos dar a conhecer aos estudiosos do Neolítico da Península Ibérica (1).

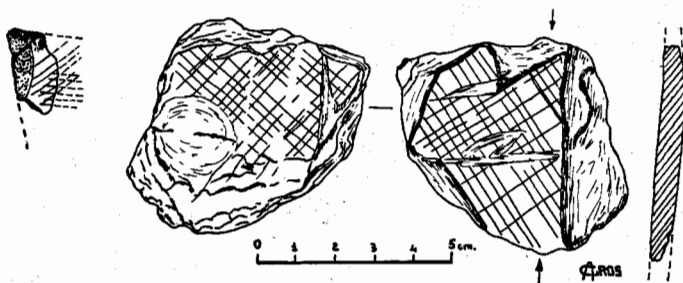


Fig. 8 — Fragmentos de placas de xisto ardosífero.

N.º 1: encontrado numa estação mista, com influências chasséenses (Ouroux-sur-Saône, Saône-et-Loire).

N.º 2: proveniente de uma estação inédita chasséense pura (arredores de Chalon-sur-Saône, Saône-et-Loire).

Não queremos deixar passar em silêncio o objecto atrás representado, na fig. 10. Trata-se da pega ou cabo de um vaso chasséense, encontrado na gruta de La Madeleine (Villeneuve les Maguelonne, Hérault). O barro é negro e a decoração, bem visível na fotografia, não carece de comentários. Foi executada depois da cozadura.

Dois orifícios dispostos lateralmente perto da sua extremidade distal aproximam esta peça das placas de xisto ardosífero portuguesas. Contudo, não nos ilu-

(1) Um de nós (A.-Ch. G.) acaba de ver nas colecções da Sociedade de Ciências Naturais de Autun, proveniente da estação neolítica de Champ de la Justice, um fragmento de xisto polido e ornado de estrias paralelas. A estação tem a fácies chasséense salinoisense de G. Bailloud.

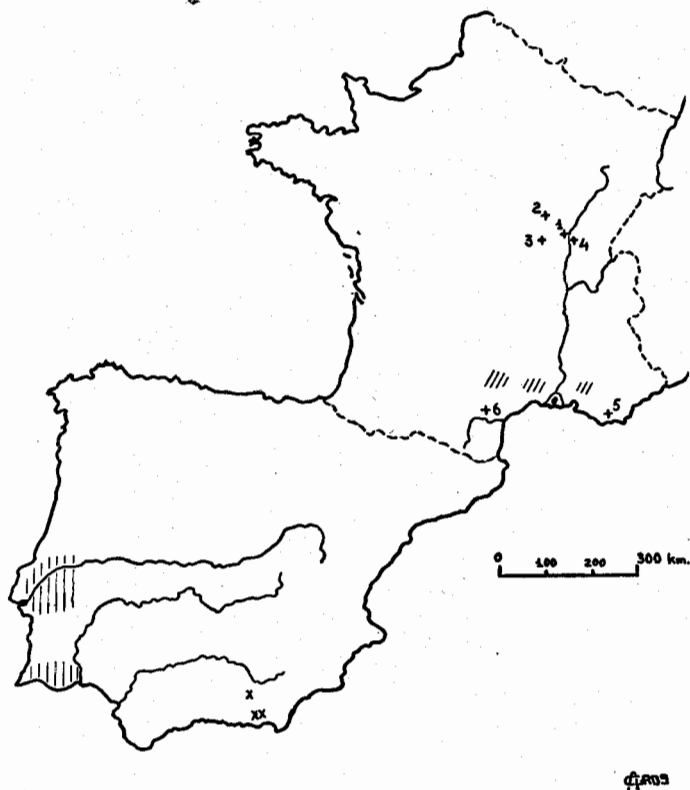


Fig. 9 — *Mapa das principais jazidas estudadas.*

- N.º 1: Placa dos arredores de Chalons-sur-Saône.*  
*N.º 2: Placa de Champ de la Justice, perto de Autun.*  
*N.º 3: Placa das margens do Loire.*  
*N.º 4: Placa de Ouroux-sur-Saône.*  
*N.º 5: Placa da Gruta de l'Eglise.*  
*N.º 6: Placa de Paulignan.*

//// — *Região de estátuas-menhires*

|||| — *Região de placas de xisto ardósifero*

damos: se este objecto estivesse completo, continuar-se-ia por uma curva ligada à base dum vaso ou duma tigela chassêense.

Um tal objecto mostra-nos as extraordinárias possibilidades dos fenómenos de convergência. Pode ter havido no entanto uma dissociação semelhante àquela que, no sul da Península Ibérica, fez aplicar a decoração chassêense às placas de xisto ardósífero. Quem sabe se não seria por um reflexo que as pegas chassêenses aparecem furadas com dois orifícios?